

**18 DE MAIO 2018**

**BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA  
Sala de S. Pedro – 18 horas**

**O Doutor Sérgio Ribeiro**

**Apresenta o livro do  
Doutor António Avelãs Nunes**

**DA REVOLUÇÃO  
DE ABRIL**

**À CONTRA-REVOLUÇÃO  
NEOLIBERAL**

Org.: Ateneu de Coimbra

**Ateneu de Coimbra**

Caro(a)s associado(a)s e amigo(a)s:

No âmbito do 44º aniversário das Comemorações do 25 de Abril em Coimbra, o Ateneu de Coimbra convida-o(a) para a apresentação do livro, pelo Doutor Sérgio Ribeiro, "A REVOLUÇÃO DE ABRIL À CONTRA REVOLUÇÃO NEOLIBERAL", do Professor Doutor António Avelãs Nunes.

Dia 18 de Maio, 18 horas, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Sala S. Pedro.

## Sala de S. Pedro



O salão nobre do edifício da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra é a chamada Sala de São Pedro. Revestida de estantes e de mobiliário do século XVIII, contém cerca de 8 mil volumes sobre Teologia, Filosofia, História e Humanidades.

Entre os 22 colégios universitários existentes em Coimbra até 1834, contava-se o Real Colégio de São Pedro, criado em 1545 pelo canonista Rui Lopes de Carvalho e instalado, desde 1572, junto ao Paço da Alcáçova. O Colégio foi extinto em 1834. Ao contrário do que aconteceu com outros, porém, a sua biblioteca, com espécies dos séculos XVI a XIX, conservou-se intacta por ter estado afeta ao uso da Família Real e do Reitor.

Em 1917, o Senado Universitário cedeu à Faculdade de Letras esta biblioteca, tendo então sido todo o seu espólio transferido para sala própria.

Em 1950, com a mudança da Faculdade para o atual edifício, ficou decidido que a biblioteca do Colégio de S. Pedro permanecesse no mesmo local, à guarda da Biblioteca Geral. Era então Diretor da Biblioteca Geral Manuel Lopes de Almeida.

Boa tarde a todos,

Ao falar neste local, sinto dificuldade em encontrar as palavras protocolares necessárias e adequadas.

Sinto-o sempre, por ser avesso ou por origem e natureza, desastrado que sou relativamente ao que me imponha posturas, vestes, regras de circunstância, mas mais do que alguma outra vez sinto-o aqui, sob o peso da história, do ambiente quase mítico que estamos, por estar a intervir, a dizer coisas..., no salão nobre da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, nesta Sala de S. Pedro.

Serão, por isso, palavras de agradecimento sincero, que vence a dificuldade, e também o embaraço, de agradecimento a quem me convidou e aqui me trouxe, e muito em especial ao professor Avelãs Nunes que deu o seu

assentimento a que falasse sobre mais este livro da sua já enorme, e tão valiosa e útil, obra publicada.

Enorme, porque grande é a quantidade de títulos, tão valiosa e útil a obra porque não são – nenhum desses títulos – meros itens para compor uma bio-bibliografia, linhas e páginas para bem recheiar um curriculum académico.

São, sobre tudo e intencionalmente, contributos de um cidadão permanentemente informado e actualizado, e em constante formação (de si e para os outros) com intenção de transformar o mundo para melhor, no sentido do progresso social, da humanização... ou para impedir que as mudanças de que o mundo é feito sejam, temporária e dramaticamente, para pior.

Sabendo, como sempre melhor sabe – porque estuda, aprende, ensina, conhece e pratica –, sabendo que só em colectivo o poderá fazer.

Para procurar evitar qualquer equívoco vosso – por escorregadela minha –, declaro não ter a menor veleidade de apresentar Avelãs Nunes – e logo aqui! –, ou ter-me proposto apresentar este seu livro. Serei, hoje, aqui, um primeiro leitor-comentador num encontro com o autor do que ele oferece à leitura.

Aliás, Avelãs Nunes dispensa apresentações bem como as dispensa o que a editora decidiu publicar pois, nas páginas iniciais – de **Homenagem** e como **Breve Nota de Apresentação** –, ele a si se apresenta e começa por nos dizer ao que vem e com que intenções. E mais. Diz ao que virá, diz-nos de dois importantes projectos que o acompanham de longa data, projectos por/para realizar.

Logo o leitor que sou se sente estimulado e confirma parentesco com o autor. De novo, mais uma vez.

Na **Homenagem** que partilha (uns degraus abaixo e a muitos quilómetros de distância) relativamente à Vértice na sua raiz coimbrã, partilha que se estende à Seara Nova, ao Notícias da Amadora, ao Opinião, sei lá..., às editoras da resistência, da resistência de antes, logo depois, de sempre.

E esse sentir de parentalidade, fraterno (de quase gémeos...), reaparece e reforça-se no começo da **Breve Nota de Apresentação**, em que Avelãs Nunes, com a sua natural, inata comunicabilidade, nos dá conta dos seus

projectos adiados. Projectos que têm de continuar vivos, e de continuar mais e maiores que a memória enorme e em crescimento (embora compensada por inevitáveis esquecimentos...).

Só assim, com projectos por realizar e bem vivos, os de mais idade nos mantemos jovens... isto é, com alguma juventude.

Nessa **Breve Nota** – e dificilmente dela me desapegarei – o cientista social Avelãs Nunes ilustra a sua multivivência humanística, cultural, com as referências oportunas, pertinentes, a poetas e a cantautores.

(...e poderia o cientista, mormente o social, sê-lo se apenas conhecesse do mundo, da vida, o que lhe dá a ver o microscópio, o telescópio, se apenas soubesse da realidade as suas sempre falíveis e quase sempre falsificadas representações em números inteiros e percentagens, suas evoluções em PIBs e outras “invenções” medidas em moedas imerecedoras de qualquer fidúcia, os ratios e os ratos cobaias?)

Logo ao lado de Camões e António Machado, começa Avelãs Nunes a andar o caminho em que se faz (e faz-nos) acompanhar por Brecht, Mário Dionísio e Sofia, vai (e leva-nos a) consultar o vizinho Miguel Torga, antes de nos dar a ler sobre a reforma agrária e do Alentejo, lembra (e lembranos) Catarina pelo poema de Vicente Campinas e a voz do Zeca, recorre ao que a memória guardou de um filme para se (e nos) recordar que *nós somos as escolhas que fazemos*, o que corrobora com a ajuda de Ricardo Reis e, antes de terminar o passeio de novo com Brecht, ainda nos brinda com o Chico Buarque e o Geraldo Vandré.

Mas não lhe bastou... e a anteceder o excerto brechteano (de quem já lembrara que a História é feita por gente que constrói e luta, e não pelos “heróis” como se pretende que fique gravado nas crónicas), Avelãs Nunes considerou oportuno citar um outro alemão – sem lhe referir o nome – que há 200 anos nasceu, que foi filósofo e economista (também poeta na sua juventude), e que, há quase dois séculos, nos deixou ajudas imprescindíveis para a compreensão das “cousas” e nos convocou para o *nosso dever de transformar o mundo*.

Para fechar a **Breve Nota**, Avelãs Nunes, aproveitou de Brecht o prólogo à peça teatral didáctica *A excepção e a regra*, de que me permito usar (ou

abusar de) uma outra versão-tradução (as traduções, e neste caso de alemão para português, levantam sempre dificuldades e desafiam para certas liberdades de escolha), e esta alicia-me com o uso da formulação de que *o abuso é sempre a regra...* como a actualidade o comprova e a polícia e a justiça destapam, enquanto se recatam a formação social e os seus mais poderosos usuários e usurários:

Estranhem o que não for estranho

Tomem por inexplicável o habitual.

Sintam-se perplexos face ao quotidiano.

Procurem encontrar remédios para o abuso.

**Mas não se esqueçam que o abuso é sempre a regra!**

Depois... depois é o caminho andado, ou melhor: são alguns dos passos de um caminho andado. São as escolhas por Avelãs feitas para o que ele próprio diz ser, de alguma forma, o seu retrato. São algumas significativas pegadas do caminho andado.

São 18 textos, escritos e não todos publicados entre 1977 e 2016.

A par e passo com a História que íamos fazendo (e Avelãs o fez e faz!, activa, participada, influentemente), e que cronistas vão ficcionando ao bom grado (e procurada recompensa) das forças sociais que dominam a sempre instável correlação.

Foi dada, a esta selecção, o título de **Da revolução de Abril à contra-revolução neo-liberal**. E se me consegui desapegar da aliciante reflexão sobre a **Homenagem** e a **Breve Nota**, entendendo (ou julgando entender) razões para esse sugestivo e dinâmico rótulo (ou capa), fujo ao desfiar de algumas dúvidas que ele me suscita e a que, aliás, alguns trechos do miolo do livro respondem.

No entanto, deixo, a jeito de provocação para o decerto já desejado momento em que me cale para todos ouvirmos Avelãs Nunes, deixo o enunciado de três ou quatro questões não só lexicais

- sobre a resistência revolucionária que levou a que Abril justifique ser o mês do nosso contentamento e Maio o do início de um processo de verdadeira transformação social;
- sobre, também, a cumplicidade social-democrata e esquerdista que antecedia, germinava, mancomunava e explodia (literalmente: fazia

explodir!) até tomar expressão contra-revolucionária de cariz neo-liberal;

- e não me parece ousado dizer que desde Bretton-Woods a corrente neo-liberal fazia o seu percurso larvar em busca de ocasiões para mandar atapetar o inferno algumas “boas intenções” e cedências ideológicas em prol de coexistências pacíficas.

Vamos, aceleradamente, aos 18 textos!

Que não são 18 capítulos de um livro. Que mais terão a imagem de peças de um puzzle, naturalmente de dimensões diferentes e contornos irregulares, ajustando-se entre si numa dinâmica comandada pela cronologia, o que completa e reforça a ideia de caminho andado. Com passos desiguais.

Este caminho, de passos ou peças datadas, se tem o seu ponto de partida e a sua bússola (ou GPS) numa Constituição que institucionalizava por maioria inquestionável um outro troço do processo revolucionário, e – contraditória e em continuidade contra-revolucionária – num executivo que suposta e juramentadamente era obrigado a cumpri-la, já tinha fortes escolhos e armadilhas nesse escolhido começo para estes textos que compõem este livro.

A Constituição fora imposta pela força das gentes, transformando e também em formação, e aceite por forças sócio-políticas que já a sabotavam (e com que violência...) antes de hipocritamente a votarem como representantes dessas gentes, desse povo em construção. Assim se iam sagrando alguns “heróis” de uma democracia “a feitiço”, na “moda” ocidental/FMI/NATO.

Significativamente, o primeiro texto, peça-matriz do puzzle, é de Abril/Maio de 1977 e diz tudo ao dizer-se

**Em defesa da Reforma Agrária. Por uma estratégia de desenvolvimento que respeite a Constituição.**

(Não se assuste quem me ouve. Não vou apelar-me em cada texto e comentar... e assim atrasar, abusivamente, a passagem da palavra ao Avelãs...)

No entanto, detenho-me já no segundo texto para sublinhar a aparente heterogeneidade dos temas. **O *apartheid* é um crime contra a**

**Humanidade**, embora possa aparecer (ou parecer...) a despropósito da Reforma Agrária e da Constituição da República Portuguesa, de modo nenhum o está, uma vez que a dita Revolução de Abril pôs termo a uma situação e a uma guerra colonial de década e meia, com reflexos muito relevantes no xadrez africano, mormente com a evolução em Angola, e ainda conseguiu coerentemente constitucionalizar normas de direito internacional verdadeiramente exemplares, tão maltratadas nas malhas que o imperialismo tece.

Ademais, essa aparente heterogeneidade pode ilustrar uma característica do trabalho de Avelãs Nunes, e que metáfora com a imagem da utilização do estetoscópio e do microscópio para observar o pequeno e próximo, e do telescópio para um melhor conhecimento do universo e mais além. Estando tudo ligado.

Logo os dois textos seguintes parecem – repito: parecem! – regressar ao nosso rectângulo europeu, da Europa não da apostrofada (desde Maastrich) União Europeia.

De onde o livro nunca sai... não obstante seja de esperar que dê umas voltas ao mundo, por Brasis, Angolas e outras línguas por onde já viajou o que foi dito e escrito está.

Num eventual planeamento de leitura, esses dois textos poderiam juntar-se. Porque, num livro como este, justifica-se planear a leitura. Não pode ser lido de um fôlego, como alguns romances. É uma caminhada em que se organizam, arrumam temporalmente, as peças do puzzle. Podendo obrigar a desmontar algumas das partes e confrontá-las. Até para melhorar a perspectiva dinâmica e global. E, a esses dois textos se poderia, em leitura a um tempo, eventualmente juntar o 5º texto – **A Constituição Económica Portuguesa. Da Revolução de Abril à contra-revolução monetarista** – agrupando-os num bloco sobre a nossa agredida constitucionalidade e soberania nacional. O que mereceria alguma detenção e sùmula na vertente monetarista da contra-revolução e no golpe anti-constitucional ligado às decorrências e pesporrências resultantes do processo e das condições em que foram criados o instrumento moeda única e a instituição Banco Central Europeu.

Vem, na sequência do índice (e da cronologia) o primeiro de três textos a que chamaria “*aulas magistrais*”, a exemplo do que esta cidade e universidade, hoje, parece pródiga.

(na verdade, na busca de notícia e localização do evento a que vinha nada encontrei... mas tropecei na farta promoção de dois acontecimentos considerados maiores para hoje – uma conferência de um ex-ministro das finanças que parece desejar apagar essa alínea do seu CV, uma “aula magistral” com “prata da casa”, que digo eu?..., com “ouro da casa” – e o anúncio de um próximo doutoramento do actual e instável presidente da Comissão Europeia, esse verdadeiro cromo, a meu juízo, claro!)

Não me vislumbra, o permanente esforço de auto-crítica, que faça este aparte por pingo de despeito ou por qualquer complexo de perseguição. Faço-o para sublinhar a valia e o evidente desfavor deste evento e a sua desvalorização relativa, sobretudo evidente na divulgação de textos deste livro, que considero conferências-aulas

- **Neoliberalismo, globalização e desenvolvimento económico** (em Angola, em 2001)
- **A chamada Constituição Europeia e as políticas sociais** (em livro do autor e num outro em coordenação com outros autores, em 2006)
- **Reflexão sobre a Economia Política, recordando a lição do Doutor J. J. Teixeira Ribeiro** (conferência ainda não publicada, em 2015)

Pela sua extensão (de cerca de 40 páginas cada, número de que apenas se aproximam 2 dos outros textos), mas sobretudo e pelo seu carácter didáctico, destinava-os, num putativo plano de leitura ou pós-leitura, a reserva de consulta, estudo e reflexão. E não escondo a pessoal apetência de debate isolado dos dois últimos.

Não que os outros textos sejam menos interessantes e válidos... mas serão de leitura diferente.

Aliás, é do texto mais curto – **As crises económicas e o estado capitalista**, páginas 199 a 205, de 2008 – que retiro a mais impressionante denúncia e noção, a de **estado regulador**. Da falácia do “estado pseudo-regulador” (a



que uma curiosa gralha fez grifar como pseudo...) ou “pseudo estado-regulador”.

Muito mais convida a referir, a comentar, a citar. Mas não queria abusar da exceção do abuso ser sempre a regra. Isto na actual correlação de forças do estádio da luta de classes.

Caminho, retrato, puzzle, este livro são 400 páginas para uma estante “à mão”. São 4 centenas de páginas a ter acessíveis por quem quiser conhecer os anos vividos nestes anos de evidente mudança. E como foram vividos e dados a conhecer por quem os foi acompanhando (e mudando sem mudar de rumo...), sempre participando, sempre intervindo.

De 1977 a 2016. Antes de. E enquanto formos.

Obrigado, Avelãs!